

Futuro regime já muda cara do Congresso

Lydia Medeiros

Uma nova configuração política começa a se desenhar no Congresso Nacional. Depois do afastamento do presidente Fernando Collor, os partidos se preparam para enfrentar as novas regras do jogo, ditadas principalmente pela parlamentarização do sistema, incentivada por Itamar Franco. O Presidente interino já deu sinais claros de que pretende governar com o Legislativo e propõe mesmo uma antecipação da implantação do parlamentarismo, caso o regime seja aprovado pelo plebiscito de abril. Diante do novo cenário, as legendas partem para a formação de blocos partidários, buscando seu fortalecimento.

A primeira demonstração concreta dessa disposição foi a união do PTR ao PST na última quarta-feira. Os partidos do governador Joaquim Roriz e do ex-governador paranaense Álvaro Dias formaram um bloco que já conta com uma bancada de 29 deputados e promessas de pelo menos outras doze filiações de parlamentares. A nova legenda, batizada provisoriamente de PSTR, tenta atrair também o governador de Minas Gerais, Hélio Garcia, que está sem partido. Outro cortejado é o governador pernambucano Joaquim Francisco. Ele acaba de deixar o PFL e enfrenta resistências dos tucanos de seu estado à sua entrada no PSDB.

O PRN, partido que em 1989 lançou a candidatura de Collor, também estuda alternativas para o futuro. Como nasceu praticamente em função dessa candida-

CORREIO BRAZILIENSE



Roriz: abrindo a reformulação

tura à Presidência da República, a legenda procura viabilizar seu espaço, após a queda de seu maior nome. Em 1991, o PRN tinha uma bancada de 41 deputados, hoje reduzida a apenas 26. O partido ainda integra o bloco que deu sustentação ao governo Collor, mas já está decidido que deixa a coligação no próximo ano, após a eleição da Mesa Diretora.

Desconforto — Há muito tempo o sentimento da bancada do PRN é de desconforto no bloco. Os deputados estavam insatisfeitos com o fato de mesmo sendo governo, não terem a força do PFL, partido majoritário na coligação. A idéia hoje é tentar uma aproximação com o novo partido de Roriz e Álvaro Dias. Não está descartada também uma aliança com o PDC, que tem 19 deputados na bancada.

A intenção do partido era integrar a formação de uma nova legenda, com o PTR e o PDC. Em junho, o líder do PRN, José Carlos Vasconcelos, chegou a

participar de reuniões na residência oficial de Roriz, em Águas Claras, onde se articulava a fusão. Para Vasconcelos, deveria formar-se um partido com perfil ideológico social-liberal.

Maluf — A eleição de Paulo Maluf para a Prefeitura de São Paulo será decisiva para o futuro do PDS. Segundo o líder do partido na Câmara, deputado José Luiz Maia (PI), há a possibilidade de o PDS aglutinar outras legendas em um bloco. O namoro com o PTB, o PL e o PDC não é novo. No início do ano, o Governo implodiu uma tentativa de formação do chamado **bloquinho**, dos quatro partidos. Com a vitória de Maluf, a avaliação dos pedessistas é de que a legenda seria fortalecida, possibilitando uma coligação.

O objetivo da união, além de proporcionar mais força em um regime parlamentarista, tem razões mais imediatas, como a eleição da Mesa Diretora. Em bloco, o PDS teria poder para influir em cargos importantes no Congresso, como presidências ou relatorias de comissões, ou mesmo propor um novo para a presidência da Mesa. Para José Luiz Maia, o próprio Maluf deve participar das negociações para a formação do bloco. Ele informou que o partido conta pelo menos quatro adesões, já asseguradas, e espera outras após a eleição municipal.

O novo quatro partidário só deve ser consolidado no próximo ano. O momento é de conversas e sondagens. Há ainda impedimentos legais, como o caso do PRN, que só poderá formar um bloco em 1993, se se desligar esse ano do bloco governista. Enquanto isso, o PTB, por exemplo, negocia com 17 parlamentares seu ingresso no partido. Esses deputados vêm não só de partidos pequenos, mas até do PMDB. O PTB também articula a formação de um

bloco. As conversas não estão restritas às legendas menos numerosas na Casa, mas estendem-se ao PMDB e ao PFL, de olho no parlamentarismo, que depende de partidos fortes.

O deputado Ubiratan Aguiar (PMDB/CE), escolhido para ser um dos vice-líderes do novo Governo, lembra que só os partidos fortes poderão influir na escolha do gabinete em um regime parlamentarista. Ele aposta na unidade do PMDB, apesar do desgaste do presidente do partido, Orestes Quéricia, em função da CPI da Vasp e das importações irregulares de Israel. "A crise é do lado de fora. Aqui dentro só temos divergências".

Segundo Aguiar, o PMDB, que conta hoje com a maior bancada da Câmara, 98 deputados, receberá nos próximos quinze dias, no mínimo, mais dez parlamentares. O deputado não quis informar a origem dos migrantes. Ele lembra que o arranjo partidário vai levar em conta também a eleição para a Mesa Diretora da Câmara. "As lideranças têm interesse direto nessa escolha, porque o presidente da Câmara será o vice-presidente da República". Já refletindo o estilo mineiro do governador Itamar, Ubiratan Aguiar acredita que "há um tempo para tudo". Ele prevê que novos nomes surgirão na disputa e é cedo para levantar candidaturas.

Já no PFL, a crise é indissimulável, "uma fratura exposta", segundo avaliação de Ubiratan Aguiar. O partido, que dava apoio a Collor, está firme no governo Itamar, mas há setores que fazem oposição ao Presidente interino, liderados pelo governador baiano Antônio Carlos Magalhães. Integrantes do partido ligados a ACM acreditam que a saída de Joaquim Francisco, por exemplo, não causará novas baixas.